

INDUSTRIA- LIZAÇÃO

PÉS NO CHÃO DA
FÁBRICA, CABEÇA
NO FUTURO

135831

Renata Geraissati
Castro de Almeida

Colaboração
Diógenes Sousa

Arte: Eduardo Grigaitis



Diretora: Adriana Rizkallah



“São Paulo”. O quadro de Tarsila do Amaral, de 1924, reflete as mudanças que a industrialização começava a imprimir à cidade.



A pesar de não estar presente na Semana de Arte de 1922, uma das principais artistas do movimento moderno foi Tarsila do Amaral (1886-1973), que durante o evento estava na cidade de Paris.

Um de seus quadros mais reproduzidos e emblemáticos para o modernismo e que inaugura o movimento antropofágico é o *Abaporu* (1928).

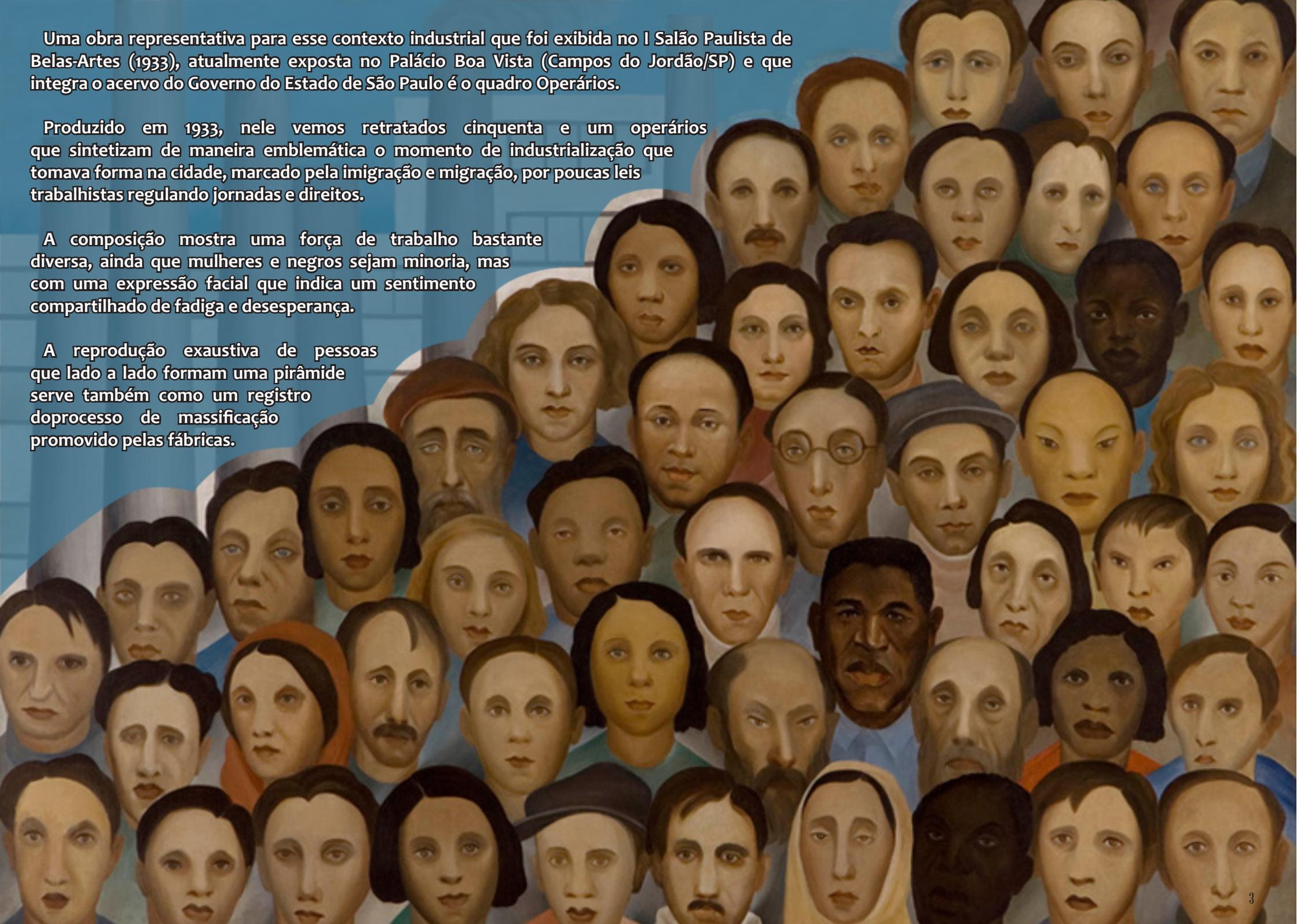
Contudo, a pintora tem inúmeras outras obras que tentam captar o rápido processo de modernização em curso na cidade como “*São Paulo*” (1924) representando bombas de gasolina, postes de luz, ferrovia, pontes metálicas e fábricas, e “*A Gare*” (1925) mostrando o movimento de trens, a introdução da energia elétrica e as chaminés das indústrias.

Uma obra representativa para esse contexto industrial que foi exibida no I Salão Paulista de Belas-Artes (1933), atualmente exposta no Palácio Boa Vista (Campos do Jordão/SP) e que integra o acervo do Governo do Estado de São Paulo é o quadro Operários.

Produzido em 1933, nele vemos retratados cinquenta e um operários que sintetizam de maneira emblemática o momento de industrialização que tomava forma na cidade, marcado pela imigração e migração, por poucas leis trabalhistas regulando jornadas e direitos.

A composição mostra uma força de trabalho bastante diversa, ainda que mulheres e negros sejam minoria, mas com uma expressão facial que indica um sentimento compartilhado de fadiga e desesperança.

A reprodução exaustiva de pessoas que lado a lado formam uma pirâmide serve também como um registro do processo de massificação promovido pelas fábricas.



Essas composições artísticas sintetizam um processo de transformação que estava em curso na sociedade. No ano de 1920, com base nos dados do Recenseamento Geral da República, observamos que a produção fabril do país aumentou substancialmente, bem como sua distribuição pelas unidades federativas.

O número total de estabelecimentos passou de 2.988 para 13.336, o capital empregado foi de 580.691, para 1.815.156

contos de réis e o valor da produção de 668.843 para 2.989.176 contos de réis, um crescimento de aproximadamente 4,5 vezes com relação ao Censo de 1907.

O número de operários em 1907 era de 136.420 pessoas, em 1920 cresceu para 275.512, indicando um embate que foi central para o período, como apontaremos adiante: os conflitos entre capital e trabalho.

A afirmação de São Paulo como o Estado com o maior número de indústrias se tornou uma realidade nesse momento, concentrando 4.415 fábricas, superando em duas

vezes o Rio de Janeiro que possuía 1.995 estabelecimentos industriais.

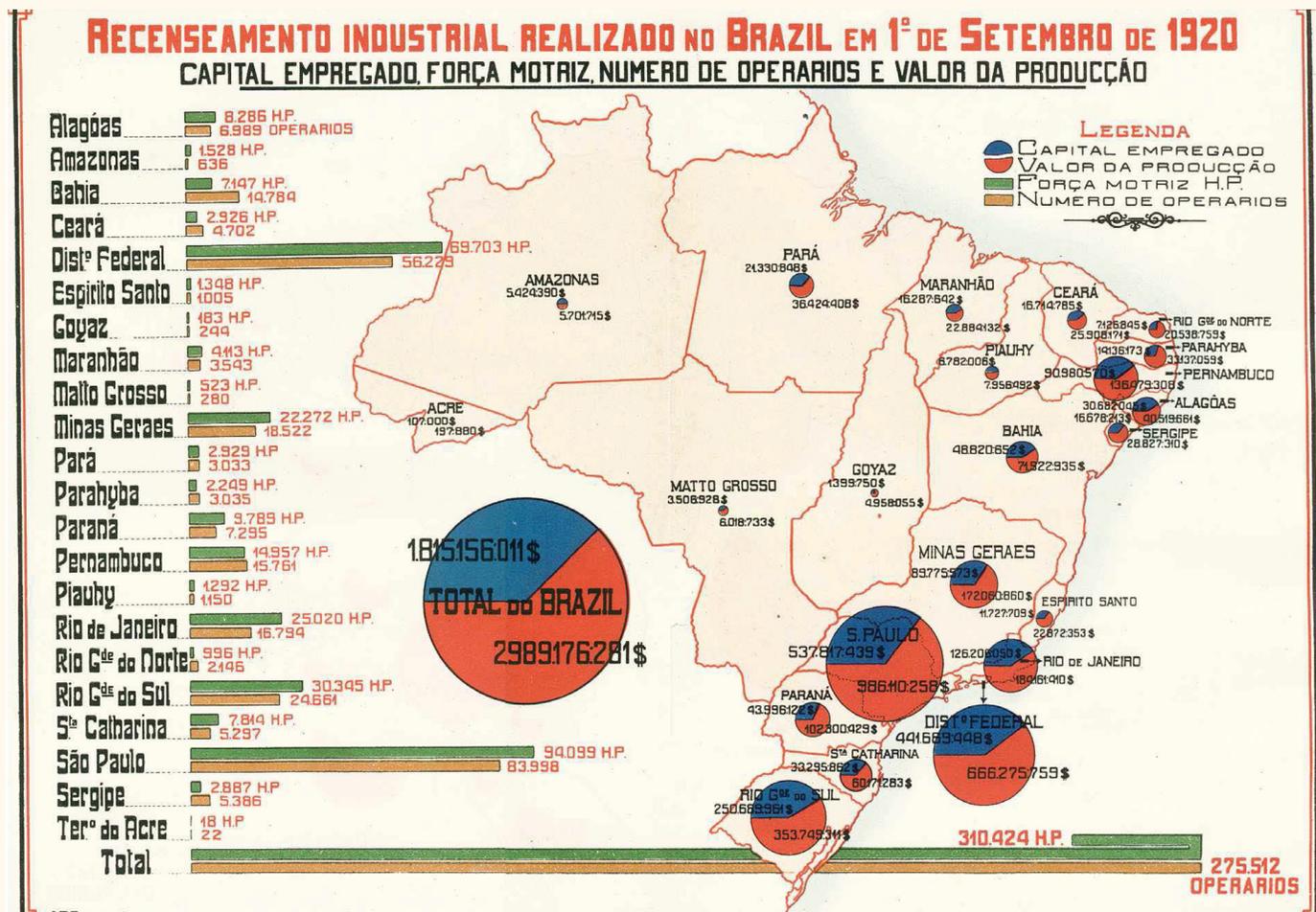
O capital empregado pelos fluminenses ainda era superior, 567.874, frente aos 537.817 contos de réis, uma margem pequena de diferença. Porém, o valor da produção paulista, 986.110, superava os 850.436 contos de réis referentes ao Rio (BRASIL, 1920).

As relações entre capital e trabalho eram bastante conturbadas, sobretudo após as greves de 1917 que aconteceram na cidade de São Paulo. O prefeito da cidade à época, Washington Luís, procurava conciliar interesses a partir de uma tentativa de aproximar demandas mútuas dos operários e industriais, reforçando que o problema que afligia ambos eram os mesmos: o barateamento dos custos dos produtos.

Assim, as indústrias precisavam diminuir as despesas para se tornarem competitivas, para tal precisavam baixar os gastos de transporte e de produção com uma mão-de-obra mais barata.

Porém, o valor do trabalho estava intrinsecamente associado ao encarecimento dos custos de vida. Sua argumentação defendia que este barateamento seria benéfico a todos e reforçava como a municipalidade estava atuando ativamente para diminuir os dispêndios com as habitações (Correio Paulistano, p.4. 30 set. 1917). Porém, esta tensão estava longe de ter um fim, causando algumas rupturas dentro do grupo de industriais.

Mapa do recenseamento industrial de 1920, com a expansão do parque das indústrias pelo território nacional.



Em 1919 foi criado o Centro dos Industriais de Fiação e Tecelagem de Algodão em São Paulo, com o objetivo de atender aos interesses de classe desse setor que não se sentiam representados pelo Centro dos Industriais do Brasil na forma como lidar com o movimento organizado do operariado.

As circulares do órgão abordavam questões relacionadas ao cotidiano das fábricas e frisavam que a insatisfação dos trabalhadores gerava greves que “atrapalhavam” a produção, e mais uma vez propunham que mais do que salários baixos, eram os elevados custos de vida, representados por aluguéis e gêneros alimentícios o problema.

Na esteira desta questão, não demorou para que a indústria enxergasse uma

1 — Resultados gerais dos inqueritos industriais realizados no Brasil em 1907 e 1920

ESPECIFICAÇÃO	1907	1920	AUMENTO	
			Numeros absolutos	Numeros relativos (%)
DIVERSAS INDUSTRIAS (1)				
Numero de estabelecimentos.....	2.988	13.336	10.348	346,3
Capital empregado.....	580.691:074\$	1.815.156:011\$	1.234.464:937\$	212,6
Força motriz — H. P.	(2) 114.555	310.424	195.869	171,0
Numero de operarios.....	136.420	275.512	139.092	102,0
Valor da produção annual.....	668.843:372\$	2.989.176:281\$	2.320.332:909\$	346,9
USINAS ASSUCAREIRAS				
Numero de estabelecimentos.....	199	233	34	17,1
Capital empregado.....	74.061:589\$	217.124:103\$	143.062:514\$	193,2
Força motriz — H. P.	14.066	52.872	38.806	275,9
Numero de operarios.....	13.136	18.161	5.025	38,3
Valor da produção annual.....	67.257:368\$	211.494:575\$	144.237:207\$	214,5
SALINAS				
Numero de estabelecimentos.....	53	231	178	335,8
Capital empregado.....	9.461:000\$	25.400:398\$	15.939:798\$	168,5
Força motriz — H. P.	510	1.640	1.130	221,6
Numero de operarios.....	2.146	3.333	1.187	55,3
Valor da produção annual.....	3.126:365\$	23.955:783\$	20.829:415\$	666,2

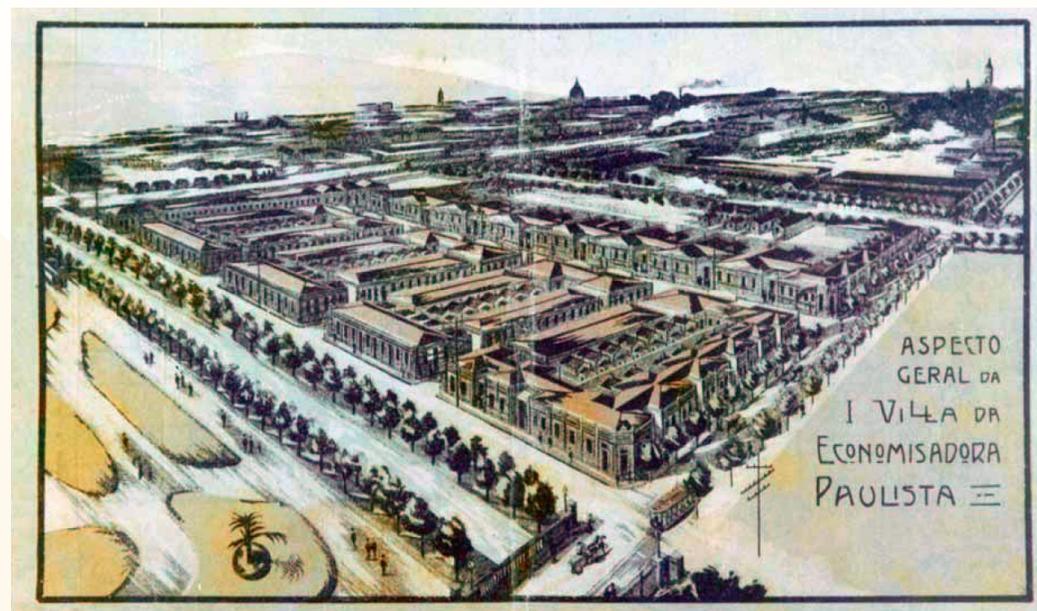
Quadro do recenseamento industrial de 1920, mostra a expansão acelerada da capacidade industrial brasileira e o número de empregados em relação ao censo de 1907.

oportunidade de, ao mesmo tempo, aumentar o seu lucro, e trazer para próximo de suas instalações, mão-de-obra qualificada. Surgiam as vilas operárias.

As vilas nasceram, principalmente, do interesse de grupos de industriais e sociedades capitalistas de lucrar com esse movimento migratório. Assim, eles passaram a investir em conjuntos residenciais para essas famílias.

Esses conjuntos atraíram uma grande massa da classe trabalhadora, que não dispunha de recursos monetários para financiar compra de casa própria. A preços baixos, os imóveis começaram a ser rapidamente alugados por estes operários.

A Vila Economisadora, no entorno da atual Avenida do Estado, no bairro da Luz, foi erguida entre 1908 e 1915 pelo empreiteiro italiano Antônio Bocchini, em parceria com a Sociedade Mútua Economizadora Paulista. É apenas uma das várias que surgiram em bairros como o Pari, Mooca, Brás e Ipiranga.



Vila Economisadora, na região da Luz. O nome curioso vem do mútuo criado para financiar a construção da vila operária, a partir de 1908. Na região, muitas casas ainda sobrevivem ao tempo.

A INDUSTRIALIZAÇÃO NO CINEMA

A temática da industrialização não se restringiu às pinturas. Nas produções cinematográficas a metrópole, a indústria, a cidade, o tempo do relógio, e os trajetos agitados nas ruas foram temas recorrentes.

Algumas produções dos anos de 1920 que se tornaram clássicos são: Metropolis e Berlim – Sinfonia da Metrópole.



O primeiro é uma produção de ficção científica do expressionismo alemão dirigida por Fritz Lang em 1927.

Seu enredo transcorre em 2026, em uma cidade onde ricos industriais governam a cidade dos seus arranha-céus, enquanto a classe trabalhadora, operando máquinas, trabalha no subterrâneo.

Já o documentário impressionista Berlim – Sinfonia da Metrópole de 1927, dirigido por Walter Ruttmann,

O cinema, indústria crescente no início do Séc. XX, se ocupou do tema do crescimento das metrópoles. A Alemanha produziu dois clássicos. “Metropolis” e “Berlim A Sinfonia da Metrópole”.

tem como personagem principal a cidade, em um contexto industrial de exaltação à modernidade, dando destaque às máquinas, engrenagens, movimento e velocidade, remetendo à uma crença de progresso no futuro. A cidade é a representação máxima de poder e as pessoas são representadas como aquelas responsáveis por seu funcionamento.

A fábrica é a portadora de um caráter civilizatório, uma vez que o trabalho é o valor indispensável que determina todas as relações sociais.

Observa-se que neste cenário, as máquinas parecem estruturas vivas e são os principais agentes de funcionamento da metrópole, relegando os operários a um segundo plano, indicando que o homem sofre um processo de substituição pela vida mecanizada que nesse momento era exaltada.



O CINEMA NA INDUSTRIALIZAÇÃO

Em 1928, na comemoração de trinta anos de existência da Casa da Boia, Rizkallah Jorge encomendou uma película em 35mm para o estúdio Oriente Films, empresa cinematográfica de Buenos Aires que promovia a exibição de seus filmes em São Paulo (A Atração do Oriente. Folha da Manhã. São Paulo, p.6. 28 ago. 1928).

A produção denota o envolvimento do imigrante com as tecnologias e novidades modernas em circulação no período.

A primeira cena do filme é um plano fechado na parte superior da vitrine divulgada na Exposição Nacional Comemorativa do 1º Centenário da Abertura dos Portos do Brasil, ocorrida entre agosto e novembro de 1908. O maior destaque da tomada é dado ao nome de Rizkallah Jorge, colocado na parte superior da figura de uma boia sanitária, que contém em seu interior a inscrição Casa da Boia, e abaixo do logotipo consta a palavra São Paulo.

Princípios a filmagem com esta seleção demonstra a intenção desta produção: destacar o indivíduo que o encomendou a filmagem para celebrar o aniversário de trinta anos de seu comércio fundado em 1898 e louvar a cidade que o acolheu e permitiu com que sua trajetória fosse próspera.

As próximas cenas se passam na Rua Carlos de Souza Nazaré, mostrando automóveis e pessoas circulando pela rua onde se localizam o Palacete São Jorge, Palacete Alepo e Palacete Paraíso construídos pelo imigrante e que são marcos concretos de sua trajetória na cidade.

Posteriormente, somos levados até a Avenida Paulista, mostrando cenas domésticas e da família. Ao dar destaque às fachadas de suas diversas construções, palacetes, comércio e sua residência, percebe-se que estas edificações cumprem um papel de memória, se tornando marcos de sua trajetória em São Paulo.

Por fim, uma cartela revela o que vai ser evidenciado a seguir: “Casa da Boia – Rua Florêncio de Abreu, 123 – São Paulo”, após mostrar à fachada do comércio somos levados ao seu interior com funcionários trabalhando na produção dos objetos e carregando moldes, ao fundo se encontram prateleiras com os itens comercializados no local.

O caráter industrial é expresso nas tomadas do maquinário utilizado para a produção das peças, engrenagens, prensas, tornos e equipamentos utilizados para a fundição e moldagem dos utensílios.



As etapas da produção são expostas, com o processo de despejo em moldes seguido de imagens que mostram a linha de produção das tubulações, no setor de tornearia. Um elemento de destaque é o motor elétrico central, ressaltando o papel que a eletricidade tem na linha de produção das fábricas.

Em seguida, aparecem posando seus três filhos, Salim, Nagib e Jorge, remetendo a uma provável articulação entre presente, passado e futuro da empresa, uma vez que estes eram os responsáveis por levar a tradição do ofício adiante.

A manutenção da tradição é um dos pilares da Casa da Boia, que até hoje permanece com a família e é gerida por Mario Rizkallah, neto do fundador e sua esposa Adriana Rizkallah.

A filmagem retoma o espaço interno da loja exibindo os funcionários trabalhando, sublinhando sua importância para o funcionamento da empresa, desde sempre comprometida com a valorização constante de seus colaboradores.

BIBLIOGRAFIA

BERLIM - SINFONIA DE UMA METRÓPOLE. Direção: Walter Ruttmann. Deutsche Vereins-Film e Les Productions Fox Europa. Alemanha, 1927. 72m.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. Diretoria Geral de Estatística. Recenseamento Geral da População, da Agricultura e das Indústrias. Rio de Janeiro: Typ. da Estatística, 1920. p.10.

PAIS, Joyce. Berlim: Sinfonia da metrópole. Acesso em <http://cinemascope.com.br/colunas/berlin-sinfonia-de-uma-metropole/>.

LIMA, Marcos Alberto Horta. Os industriais têxteis paulistas nos anos 20: aspectos da sua atuação política. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Estadual de São Paulo. São Paulo, 1992.

METROPOLIS. Direção: Fritz Lang. Universum Film A.G. (UFA). Alemanha, 1927, 153m.

STREET, Jorge. Ideias sociais de Jorge Street: cronologia, introdução, notas bibliográficas e textos selecionados. Brasília: Senado Federal. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1980.



Quadros extraídos do filme produzido pela Casa da Boia, em 1928, ressaltam o caráter documental e de afirmação da trajetória do imigrante Rizkallah Jorge. Sua figura e a de seus filhos à frente dos negócios compunham o ideário do industrial que, em razão do sucesso de sua empresa, deixou marcas e um legado à cidade de São Paulo.

1919



Viaducto do Chá e Parque do Anhangababu

O primeiro Viaduto do Chá, cujas bases de sustentação e estrutura são referências claras do quadro "São Paulo", de Tarsila do Amaral.

CASA DA BOIA
 METAIS E HIDRÁULICA
 DESDE 1898

Diretor: Mario Rizkallah
 julho, 2022